



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS
DE LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ANDREZA ARAÚJO DE SÁ PEREIRA

GRITAR O SILÊNCIO, ENTOAR O GRITO: INSURGÊNCIA NEGRA-
FEMININA NA FICÇÃO DE MIRIAM ALVES E CONCEIÇÃO EVARISTO

JOÃO PESSOA – PB

2021

ANDREZA ARAÚJO DE SÁ PEREIRA

GRITAR O SILÊNCIO, ENTOAR O GRITO: INSURGÊNCIA NEGRA-
FEMININA NA FICÇÃO DE MIRIAM ALVES E CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba — UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva

João Pessoa -PB

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P436g Pereira, Andreza Araújo de Sá.

Gritar o silêncio, entoar o grito: insurgência negra-feminina na ficção de Miriam Alves e Conceição Evaristo / Andreza Araújo de Sá Pereira. - João Pessoa, 2021.

43 f.

Orientação: Franciane Conceição da Silva.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1.Alves, Miriam. 2. Evaristo, Conceição. 3. Literatura afro-brasileira. 4. Autoras negras. 5. Violência contra a mulher. 6. Libertação. I. Silva, Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82(81:6)

ANDREZA ARAÚJO DE SÁ PEREIRA

GRITAR O SILÊNCIO, ENTOAR O GRITO: INSURGÊNCIA NEGRA- FEMININA NA
FICÇÃO DE MIRIAM ALVES E CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da
Universidade Federal da Paraíba — UFPB, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua
Portuguesa.

TCC defendido em: ____/____/2021

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Franciane Conceição da Silva (UFPB-DLCV)
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Danielle de Luna e Silva (UFPB-DLEM)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Mirian Cristina dos Santos (UNIFESSPA)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Fabiana Carneiro da Silva (DLVC-UFPB)
(Examinadora suplente)

João Pessoa-PB

Novembro de 2021

À todas as mulheres que gritam, seja de forma audível ou silenciosa, ao sofrerem as várias violências presentes em nossa sociedade. Entoemos nossos gritos, até que sejamos libertadas.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado forças para não desistir. Exponho isso não só em relação ao meu trabalho de conclusão de curso, mas também em relação à minha própria vida. Por muitas vezes eu quis tirar de mim o que Ele me deu, mas hoje, mais do que nunca, quero usufrir de minha existência por muitos e muitos anos, e poder, de alguma forma, contribuir para um mundo melhor através de minha futura profissão.

À minha mãe, Josefa Araújo de Brito, que foi a minha maior inspiração para a escrita deste trabalho, como também é a minha maior inspiração na vida. Mesmo com tanta violência presente em sua vida, minha mãe nunca deixou que isso apagasse seu bom humor e sua resistência. Ela quem me ensinou que a melhor coisa que pode acontecer na vida de uma mulher é a liberdade.

A meu pai, Paulo de Sá Pereira, por ter investido na minha educação e acreditar tanto em mim. Sempre digo que ele exagera quando diz para o mundo que sou um gênio, mas talvez eu deva acreditar nele e entender de uma vez por todas que eu tenho uma espécie de genialidade. Talvez incompreendida, mas ainda assim uma genialidade.

À minha irmã, Alane Araújo de Sá Pereira, que é a minha pessoa favorita no mundo, e o primeiro rosto que veio em minha mente quando tentei o pior contra mim. Irmã, você me salvou diversas vezes e nem tem noção disso. Eu tenho sorte em dividir minhas roupas, maquiagens e a vida contigo. Desejo que você tenha fé em si mesma o tanto quanto eu tenho em ti.

À minha avó, Terezinha Araújo de Brito, que teve que cuidar de oito filhos sozinha, em uma casinha simples no interior e, mesmo com toda a dificuldade, conseguiu dar a melhor criação que meus tios poderiam ter. Vovó é exemplo de força e dedicação!

Ao meu padrinho, José Bonifácio Araújo de Brito, que não está mais presente fisicamente neste mundo, mas permanece presente em meus pensamentos e em meu coração. Padrinho, é difícil andar pela cidade pois tem um pouquinho de você em todos os cantos. Dói, mas ao mesmo tempo conforta. És sempre lembrado pelo seu carisma, cuidado e amor ao próximo.

Ao meu primo, Lucas Araújo do Nascimento, que partiu deste mundo com apenas 15 anos e levou consigo parte da alegria da família. Obrigada por ter compartilhado seu super nitendo comigo. Jogar Sonic com você era meu passatempo favorito nos finais de semana. Os Natais nunca mais foram os mesmos sem você e tio Bony.

À tia Katia, mãe de Lucas, que, mesmo depois de anos, ainda sofre com a perda do filho nos dias de hoje. Enquanto Lucas estava na barriga de tia, ela me carregava no colo quando eu tinha apenas meses de idade. Mesmo diante de tanta violência, tia nunca permitiu que isso apagasse sua essência. É, de longe, a pessoa mais gentil, humilde, altruísta e generosa que conheço. Quanto amor e orgulho sinto pela senhora, titia!

À minhas primas, Dayanne, Drielle e Valeska, por todos os sorrisos, brincadeiras e piadas internas. Minha infância só foi feliz porque vocês fizeram parte dela. Os momentos de filmes e pizzas na madrugada, shows de RBD improvisados no terraço de casa e conversas sobre as paixonites da época foram essenciais para que eu sobrevivesse ao cenário de violência doméstica que vivi durante esse período. Vocês fazem parte das minhas melhores lembranças em meio ao caos doloroso que foi essa fase de minha vida.

Aos meus amigos, Alex, Luiza, Rossana e Tuanny, que tornaram a graduação mais leve foram, por várias vezes, motivações para eu continuar o curso. Eles, que aguentaram meus surtos e crises, que proporcionaram os momentos mais incríveis na universidade, que me fizeram rir mesmo nas situações de exaustão por conciliar trabalho e estudos. Ah, e claro, sou grata também aos memes que surgiram a partir deles durante esses anos. Eles são, claramente, os melhores amigos que eu poderia ter.

Às professoras Miran Santos e Danielle Luna, integrantes da Banca Avaliadora, por aceitarem o convite, enriquecer este trabalho com suas reflexões e, claro, pelas palavras de incentivo que me motivaram ainda mais a seguir com a presente temática em futuros projetos.

E, finalmente, agradeço à minha professora-orientadora, Franciane, por ter me apresentado obras maravilhosas de autoras incríveis, por ter criado o conceito “Pedagogia Afro-afetiva” que, tenho certeza, contribuirá imensamente à minha formação e por ter me dado a oportunidade de participar do projeto “Palavra-corpo” que tornou a minha experiência acadêmica completa e significativa. Ah, e claro, agradeço também por toda a paciência do mundo ao ouvir e ver todas minhas trocentas inseguranças e medos. A senhora é incrível, professora!

Veja como as minhas lágrimas ricocheteiam.

(Taylor Swift)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar as várias violências contra a mulher presentes nos contos “Cinco Cartas para Rael” e “Xeque-mate”, extraídos da obra *Mulher Mat(r)iz* (2011) da escritora Miriam Alves, como também nos contos “Aramides Florença” e “Shirley Paixão”, extraídos da coletânea *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo. No decorrer do estudo, analisaremos a maneira como as personagens vítimas de diversas agressões, físicas e simbólicas, reagem a essas violências e se libertam. Para embasar esse estudo e compreender as questões sobre violência, representação da mulher negra na sociedade patriarcal e o processo de dominação masculina, usaremos os estudos de Heleieth Saffioti e Pierre Bourdieu, além de dialogarmos com a teoria de intelectuais negras, tais como, Lélia González, Sueli Carneiro e Beatriz Nascimento.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira; Miriam Alves; Conceição Evaristo; Autoras Negras; Violência contra a mulher; Libertação.

Abstract

This study aims to analyze the various forms of violence against women present in the short stories “Cinco Cartas para Rael” and “Xeque-mate”, taken from the work *Mulher Mat(r)iz* (2011) by the writer Miriam Alves, as well as in the short stories “Aramides Florença” and “Shirley Paixão” by Conceição Evaristo extracted from her work *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016). Much more than that, we analyze how these characters victims of several aggressions, physical and symbolic, react to this violence and how they free themselves. To support the studies and understand the issues of violence, representation of the female figure in patriarchal society and the process of male domination, we will use the studies of Heleieth Saffioti and Pierre Bourdieu , in addition to dialoguing with texts by black intellectuals, such as, Lélia González, Sueli Carneiro and Beatriz Nascimento

Palavras-chave: Afro-Brazilian Literature; Miriam Alves; Conceição Evaristo; Violence Against Women; Release.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAPÍTULO I	14
1.1 “Mudez da compreensão, ruídos do despeito”: opressão e liberdade no conto “Cinco Cartas para Rael”	14
1.2 Quando tudo era dor, pari sonhos e construí caminhos: uma análise do conto “Aramides Florença”	23
3 CAPÍTULO II	29
2.1 Quando tudo era dor, pari sonhos e construí caminhos: uma análise do conto “Aramides Florença”	29
2.2 O inimigo dorme ao lado, mas sigo de olhos abertos: estratégias de (re)existência no conto “Shirley Paixão”	33
4 CONDISERAÇÕES FINAIS	39
5 REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

No Brasil, a violência contra mulher cresceu consideravelmente nos últimos anos, sobretudo, contra as mulheres negras. De acordo com os dados divulgados pelo Atlas da Violência (2018), entre os anos 2008 a 2018, a violência contra mulheres negras aumentou em uma porcentagem de 12,4%, enquanto que a taxa de violência contra mulheres não negras diminuiu em 11,7%. Isso ocorre pelo fato de que, além do machismo, o racismo é também uma das principais causas de violência contra a mulher negra no país, com isso, podemos identificar que essas violências se tornam muito mais brutais quando cometidas contra essas vítimas. Segundo a autora Lélia Gonzalez: “o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (GONZALEZ, 1984, p 224).

Quando falamos sobre violência, estamos nos referindo também às violências não visíveis, que mesmo sem deixar marcas no corpo, são capazes de deixar feridas na alma que custam a cicatrizar. “É a ruptura de qualquer forma de integridade da vítima, seja física, psíquica, sexual ou moral. Estas não ocorrem de maneira isolada, pelo contrário, uma estará sempre atrelada à outra” (SAFFIOTI, 2004).

Durante séculos, o corpo negro tem sido violado física e psiquicamente: no passado pelo sistema colonial e escravocrata; no presente pelas novas formas de escravização que continuam a vigorar na sociedade brasileira. Dessa forma, os afro-brasileiros vêm manifestando suas resistências de maneiras diversas, sendo uma delas, na literatura (EVARISTO, 2009). Diferentemente da literatura que estamos acostumados a ver na Academia, onde a representação das personagens negras está marcada por estereótipos negativos, a literatura produzida por autoras negras e autores negros constrói personagens negros(as) de modo a valorizar esses corpos:

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral (EVARISTO, 2009, p. 19 - 20).

Muito vem sendo abordada essa temática nas narrativas, principalmente nas escritas

de autoras mulheres, com o intuito de visibilizar e retratar essas violências sofridas pela figura feminina em suas obras. Seguindo a perspectiva da pesquisadora Adriana Facina (2004), ao afirmar que a literatura está correlacionada ao contexto sócio-histórico, podemos observar que a literatura pode ser considerada como uma forma de denúncia ao expor cenários de violência na ficção, os quais são semelhantes com a nossa realidade.

A professora e pesquisadora, Franciane Conceição da Silva (2018), menciona em sua tese de doutorado o trecho de uma entrevista de Miriam Alves à Dawn Duke onde a autora destaca o fato de que “o papel da literatura é ficcionalizar a realidade” (ALVES, 2016) e defende que “não existe uma escrita fora da realidade social” (ALVES, 2016). Miriam ainda argumenta:

A nossa vivência em sociedade é a matéria prima de onde eu extraio e lapido os meus textos sejam eles poéticos, ensaísticos, narrativas longas ou curtas. A abordagem ficcional dessa realidade social e o que eu uso desse realismo social é que, basicamente, faz a diferença da vivência pura e simples em sociedade. Seleciono dessa realidade as vivências da população negra porque tem a ver comigo, com a minha formação (apud SILVA, 2018, p. 179).

Em consonância com Miriam Alves, Conceição Evaristo afirma que as histórias de ficção da literatura produzida por autores brancos e autoras brancas tende a apagar ou ignorar a presença de personagens negros - reflexo do desejo da sociedade brasileira - sobretudo as personagens femininas, que quando aparecem na literatura, são associadas ao passado escravo, como corpos que cumprem “as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor” (EVARISTO, 2009, p 23). Nessas ficções escritas por grande parte dos autores canônicos e até mesmo contemporâneos, as personagens femininas negras não têm o papel de musa, heroína romântica ou mãe, tais características são atribuídas para personagens brancas (EVARISTO, 2009, p 23).

Entretanto, mesmo com uma visibilidade menor, aos poucos as personagens negras vêm adquirindo seu espaço nas ficções brasileiras, fugindo do estereótipo que a sociedade sempre impôs a estes corpos. Autoras negras, como Conceição Evaristo e Miriam Alves, vêm reafirmando a importância da representatividade destas mulheres ao retratá-las em outros cenários, valorizando sua história, cultura, identidade e aprofundando as suas subjetividades.

De tal modo, usando a literatura como um espaço de denúncia, o referido estudo irá trabalhar contos das escritoras, Miriam Alves e Conceição Evaristo, tendo como objetivo analisar as várias violências cometidas contra personagens negras, denunciadas nos textos

estudados. Além de investigarmos as múltiplas violências que perpassam os corpos dessas mulheres, analisaremos como algumas personagens reagem às agressões e, principalmente, como se libertam.

Para embasar este trabalho, utilizaremos como principais aportes teóricos: a obra *Gênero, patriarcado, violência* (2004), da socióloga feminista Heleieth Saffioti, *O poder simbólico* (1992) e *A dominação masculina* (2019), ambos do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Dialogaremos ainda com textos de intelectuais negras, tais como, Lélia González, Sueli Carneiro e Beatriz Nascimento. Sendo assim, os contos selecionados para análise são “Cinco Cartas para Rael” e “Xeque-mate”, extraídos da obra *Mulher Mat(r)iz* (2011), de Miriam Alves, e “Aramides Florença” e “Shirley Paixão”, extraídos da coletânea *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo. Em suma, o presente trabalho será dividido em 2 capítulos, sendo o primeiro focado em analisar os contos de Miriam Alves e o segundo em analisar os contos de Conceição Evaristo, apontando nas ficções as violências sofridas pelas personagens e discorrendo como estas reagem a essas agressões e quais as estratégias utilizadas para se libertarem. Por fim, nas considerações finais, compararemos os quatro contos, apontando as semelhanças entre sie como cada autora aborda tais temáticas em suas obras.

CAPÍTULO I

1.1 “Mudez da compreensão, ruídos do despeito”: opressão e liberdade no conto “Cinco Cartas para Rael”

É muito comum associarmos violência apenas a manifestações físicas, entretanto, atos violentos podem também ser realizados de forma que não consigamos enxergar, passando despercebidos na maioria das situações. Prova disso é o poder simbólico, apontado pelo sociólogo francês, Pierre Bourdieu, como algo que é totalmente invisível e que está presente nas entrelinhas das relações sociais. Por não ser facilmente detectada, a violência simbólica, muitas vezes, pode ser mais danosa do que a violência objetiva, tornando-se extremamente nociva quando empregada contra alguém. Na perspectiva de Bourdieu: “A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer.” (BOURDIEU, 1996, p. 16).

Pensar nesse conceito de Bourdieu e relacionar a violência que é empregada contra uma mulher negra, considerando todas as outras violações que atravessam esses corpos, nos possibilita enxergar que as múltiplas violências cometidas contra as mulheres negras, sejam elas objetivas ou subjetivas, se apresentam com outras configurações, distintas das violências praticadas contra mulheres brancas. A questão racial é um fator determinante e não pode ser ignorada ao falarmos dessa temática. Corpos de mulheres negras e brancas não sofrem o mesmo nível de violência. A filósofa Sueli Carneiro explica:

Em relação ao tópico da violência, as mulheres negras realçaram uma outra dimensão do problema. Tem-se reiterado que, para além da problemática da violência doméstica e sexual que atingem as mulheres de todos os grupos raciais e classes sociais, há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a auto-estima (CARNEIRO, 2003, p. 49).

Conseguimos enxergar muito dessa violência apontada por Bourdieu no conto “Cinco Cartas para Rael”, de Miriam Alves. A narrativa encena um relacionamento conturbado e problemático, apresentado através de cinco cartas escritas por uma mulher negra para o personagem Rael, o seu ex-parceiro, um psicólogo negro que possui um certo prestígio em

sua vida profissional. O conto expõe a agonia e a dor de uma mulher negra ao ser abandonada e o quanto isso afeta sua vida profissional e seu psicológico.

Podemos observar no decorrer das cartas que a personagem demonstra diversos sentimentos quando se trata de Rael. Um deles é a insegurança em relação a si mesma e como reagir à solidão deixada pela ausência da figura masculina. Rael, um psicólogo que usa de seu conhecimento teórico da psicologia para nomear e diagnosticar ações da personagem feminina, afirma que a mesma possui uma “carência emocional profunda não resolvida” (ALVES, 2011, p 67) e que este foi o motivo de sua partida. Percebe-se que Rael demonstra uma certa superioridade em relação à personagem feminina e que usa de sua intelectualidade para, de alguma forma, diminuí-la. No trecho do conto que destacamos abaixo podemos observar mais de perto esse comportamento do personagem e como se manifesta a violência simbólica mencionada anteriormente.

A sua partida espantara meus sonhos. “Inconsequência, desde o início”, foi o que disse, não foi? “inconsequência, fruto da carência emocional profunda, não resolvida”. Você sabe ser teórico-chato para fugir de situações embaraçosas, impondo sorriso rasgado canto a canto, como se fosse natural sorrir. Observando-o atentamente por dois anos, descobri, nessa atitude, o esforço que se obriga para desempenhar sua profissão de psicólogo (ALVES, 2011, p. 17).

O contexto profissional da personagem-narradora é de uma mulher negra que trabalha como secretária em uma empresa onde sofre racismo e assédio de seu chefe, assim como era feito no passado escravocrata, no qual homens brancos, além de assediar, também estupravam mulheres negras escravizadas. Apesar dessa vertente da vida da personagem não ser muito exposta no conto, conseguimos visualizar essas situações violentas cometidas pelo seu patrão branco no seguinte trecho:

Tenho, talvez por muito tempo, que ouvir os desaforos daquele barrigudo do meu chefe. Nojento, acha que mulher, principalmente mulher negra, está à disposição dos seus arroubos lascivos. Já aprontou boas. É desrespeito em cima de desrespeito. Só falta cantar: Aí, meu Deus, que bom seria se voltasse à escravidão/ eu pegava está mulata e prendia... Convenhamos, seria o coroamento do desacato. Tentou agarrar-me à força. Vou fingindo que não vejo. Desvencilhando-me da menor maneira (ALVES, 2011, p. 71).

Apesar da personagem ter a sua independência financeira, mesmo sendo de uma forma que não é a que ela deseja, pois, seu sonho é viver da fotografia, podemos identificar como ela se sente inferiorizada ao comparar sua vida profissional com a de Rael, e aparentemente isso acontece por causa do próprio Rael, quando ela expõe que ele sempre se importou com o que as pessoas vão pensar. A personagem feminina se sente inferior ao seu ex-

companheiro por não ter uma grande carreira profissional e prestígio como ele e nem conseguir alavancar sua carreira como fotógrafa. Rael usa de sua intelectualidade para diminuir a personagem-narradora. Este é um exemplo de um ser dominador que impõe seu poder simbólico sobre a vítima.

Segundo Bourdieu (1996), o poder simbólico exerce uma estruturação que decorre a partir da função que os sistemas simbólicos possuem de integração social para um determinado consenso: o da dominação. E tal poder está presente de forma não verbal em várias vertentes da sociedade, como na cultura, mídia, artes, hierarquias, relações pessoais e profissionais, entre outros, de forma que acabam sendo naturalizados, conseguindo manter a estrutura da desigualdade, o que consegue definir claramente a hierarquia da vida profissional dos personagens: uma “simples secretária”, como é mencionado no conto, e um renomado psicólogo.

A protagonista, demonstra certa dependência emocional do ex-companheiro, e sofre com o abandono, resumindo seus dias a sentir sua falta, tentar entender os motivos que o levou a deixá-la e lutar para não se permitir ter recaídas e procurá-lo. Percebemos que lhe falta a autoconfiança para seguir em frente sem ele, consequência de ter vivido com um homem que só a diminuía e manipulava, e conforme ela se encontra nesse estado de dependência, mais o seu psicológico é afetado. Esse comportamento da protagonista pode ser observado no seguinte trecho: “Perco o raciocínio lógico. Estou irritada, magoada. Tenho vontade de gritar, esmurrar paredes, chorar, espernear, até passar a sensação de rejeição que entope as reações” (ALVES, 2011, p. 69).

A dependência emocional acarreta na mulher o medo do abandono e, quando isso vem acontecer, a vítima passa a sentir diversas emoções como raiva, mágoa e, principalmente, culpa, como ocorre com a personagem do conto em análise.

Em determinados trechos das cartas, a narradora também discorre sobre como era difícil conseguir a atenção de Rael e quando isso vinha a acontecer era sempre de acordo com disponibilidade dele, nunca a dela. O comportamento da personagem revela o quanto ela era submissa a um homem que jamais a valorizou. A reflexão da socióloga Heleieth Saffioti nos ajuda a entender o comportamento da protagonista do conto:

Uma pessoa codependente é alguém que, para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, para definir as suas carências; ela ou ele não pode sentir autoconfiança sem estar dedicado às necessidades dos outros. Um relacionamento codependente é aquele em que um

indivíduo está ligado psicologicamente a um parceiro, cujas atividades são dirigidas por algum tipo de compulsividade (SAFFIOTI, 2004, p 84).

Dentre esses pontos, também notamos que Rael tem um poder de manipulação sobre a personagem feminina ao falar de sonhos compartilhados e “promessas fugazes de amanhã” (ALVES, 2011, p 68), apesar dos gestos serem diferentes. Atitude comum de homens que manipulam para conseguir o que querem e, em se tratando do personagem Rael, a intenção é apenas sexual. De alguma maneira, a fotógrafa consegue perceber que dentre todas as palavras bonitas, Rael nunca disse gostar dela. Ele só a procurava para suprir suas vontades sexuais e isso pode estar relacionado à objetificação e sexualização da mulher negra. É como se o corpo negro da fotógrafa só servisse para atos de luxúrias e não para ser assumido em um relacionamento público e apresentado às pessoas. Em um momento do conto, a personagem demonstra ter consciência disso: “Ah! Rael, hoje acordada, prometi não mais cair nestas armadilhas emotivas. Relembrei o motivo do rompimento. Saídas sexuais não são soluções para crises existenciais” (ALVES, 2011, p. 74). A historiadora e feminista negra Beatriz Nascimento assim reflete ao abordar a temática da sexualização do corpo da mulher negra:

Há poucas chances para ela numa sociedade em que a atração sexual está impregnada de modelos raciais, sendo ela representante da etnia mais submetida. Sua escolha por parte do homem passa pela crença de que seja mais erótica ou mais ardente sexualmente do que as demais, crença relacionada às características do seu físico, muitas vezes exuberante. Entretanto, quando se trata de um relacionamento institucional, a discriminação étnica funciona como um impedimento, mais reforçado à medida que essa mulher alça uma posição de destaque social (NASCIMENTO, 1990, p 3).

Rael, tendo consciência de seu poder sobre a mulher, usa de suas habilidades de sedução e manipulação para tentar dominá-la. Em um ato de provocação, a narradora conta a Rael que ela está transando com um rapaz bonito e isso o deixa enciumado. Apesar de todas as indiferenças, ausência e rejeição, o homem não gostou da ideia da mulher, que ele mesmo rompeu o relacionamento, ter contato com outro homem, como se ele a tivesse como uma posse. Como se a quisesse para suprir as necessidades sexuais e nada mais. Nesse sentido, Saffioti afirma:

As mulheres são objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. Diferentemente dos homens como categoria social, a sujeição das mulheres, também como grupo, envolve prestação de serviços sexuais a seus dominadores. Esta soma/mescla de dominação e exploração é aqui entendida como opressão (SAFFIOTI, 1990, p 3).

Uma única carta escrita por Rael foi enviada à personagem e ela expõe que teria sido melhor não o ter feito. A carta é uma prova do egocentrismo de Rael ao relatar apenas suas dúvidas, medos, sonhos. A personagem tem consciência de todas essas características que são demonstradas pelo homem durante todo o relacionamento. Ele escreve na carta que a noite luxuriosa que tiveram não muda a situação e pede para que ela aceite o fim do relacionamento. Ele se dispõe a saírem novamente juntos um dia, mas com a certeza de não se envolverem mais no futuro:

Recebi sua carta. Enfim! Arrumou tempo nas suas inadiáveis ocupações. Seria melhor não o ter feito. O tom de desculpas e lamúrias norteou do primeiro ao último parágrafo. Chateou-me. Suas dúvidas. Sua falta de tempo. Seus medos. Tudo que já sei. Seus sonhos. Notei você, você, você, tinha você demais. Mandou sublimar nosso relacionamento, aceitar o fim. Aquela noite não mudou nada, a situação era definitiva. Definida. Cada um para o seu lado e, se a saudade aumentasse, a amizade sincera justificaria tudo. No futuro, voltaríamos a sair juntos e... sem maiores envolvimento (ALVES, 2011, p 74).

Uma terceira pessoa é mencionada nas cartas da protagonista: Marli, uma mulher branca que, assim como Rael, é psicóloga. O personagem masculino fala bastante sobre ela e começa a surgir na narradora um sentimento de ciúmes e desconfiança, sentimentos estes que são motivos da zombaria por parte do homem. Ele nega qualquer interesse por Marli, apesar de, mais na frente, descobrirmos que ambos estão envolvidos amorosamente. É perceptível que a atitude de Rael ao negar seu interesse por Marli e de zombar de sua companheira, tendia a fazer com que ela se sentisse confusa: “Você falava, falava... Aquela mudez distanciava-se da compreensão, protegia-me dos ruídos do despeito. Ao perceber, você zombava. Zombava dos ciúmes encobertos e negados” (ALVES, 2011, p 69). Essa estratégia é bastante utilizada por pessoas manipuladoras, especialmente os homens, quando estão em um relacionamento. De tal modo, para sair de uma situação embaraçosa, os homens costumam jogar para as vítimas (suas companheiras), a sensação de culpa e o sentimento de confusão. A pesquisadora Cristina Pereira de Souza aborda esse tema em seu trabalho de pesquisa:

Através do uso da manipulação, se inicia um processo de dúvida de si mesma por parte da vítima. Sentimentos como culpa emergem e, por fim, aquela que sofre o gaslighting acaba por se desculpar por, em tese, estar pensando ou agindo de determinado jeito. Em função disso, é instaurada uma confusão na mente do abusado, fazendo com que ele, o que sofreu o gaslighting, acabe por distorcer a noção do que é realidade e do que não é. (SOUZA, 2017, p 14).

Rael, sendo um homem negro que hiper valoriza o sucesso profissional e quer, mais que tudo, provar ser alguém digno da atenção de um público branco, por muitas das vezes, reproduz o racismo, de forma inconsciente. É o que acontece com Rael, ao assumir publicamente o seu

relacionamento com a prestigiada psicóloga loira, Marli Novaes. É comum que homens negros que tem uma posição social privilegiada busquem assumir compromisso com mulheres brancas. No caso do psicólogo, ele exibe sua namorada branca que tem o visual padrão europeu, como uma conquista, para destacar a sua posição no meio em que trabalha. É uma atitude comum que advém como resposta ao racismo vivido por homens negros e, como mencionado anteriormente, estes podem sim reproduzir o racismo, assim como Marcelo Felinto demonstra em sua monografia:

Vale destacar a falta de consciência de cor que muito está presente em homens negros que adquirem uma posição de destaque na sociedade. Como exemplo, é muito comum vermos jogadores de futebol negros relacionando-se apenas com mulheres brancas, loiras, magras, com corpos esbeltos entre outras características eurocêtricas. Esses homens passam a se comportarem como sujeitos brancos, ignorando seus traços fenotípicos, descartando a possibilidade de assumirem um relacionamento com negras e contribuindo para a matriz de opressão moderna que tanto atinge pessoas como eles que estão em posição social/economicamente inferior (FELINTO, 2019, p 49).

O fato de Rael assumir um relacionamento sério com Marli, uma psicóloga de grande prestígio profissional e que fisicamente está dentro dos padrões europeu (branca, alta e loira), e não ter assumido publicamente o relacionamento que teve com a fotógrafa, uma mulher negra que não tem a “intelectualidade” dele, de acordo com o que ela relata nas cartas, deixa explícito a falta de consciência racial por parte do personagem masculino. Devemos lembrar que pelo fato de ser um homem negro, Rael também sofre racismo em todas as vertentes de sua vida e, muito provavelmente, mais ainda no seu espaço profissional, tendo em vista que é um espaço dominado quase absolutamente por pessoas brancas. Essas atitudes de Rael, mencionadas acima, são discutidas pela socióloga feminista Heleith Saffioti quando ela afirma: “A este propósito, a resposta de homens negros ao racismo, mormente dos que conquistaram uma posição social e/ou econômica privilegiada, foi o casamento com mulheres loiras” (SAFFIOTI, 2004, p. 31).

Também é importante observar que a atitude de Rael em não assumir seu relacionamento com a fotógrafa reforça o conflito que as mulheres negras vivenciam nas relações afetivas, pois, a sociedade patriarcal e racista as impõe o papel de corpos erotizados para a satisfação de prazeres sexuais. Assim como vemos acontecer com a personagem-narradora, são estas mulheres que recebem menos afeto, além de estarem mais propensas a dominações e submissões. A historiadora Beatriz Nascimento explica em seu artigo “A Mulher Negra e o Amor” (1990):

Convivendo em uma sociedade pluriracial, que privilegia padrões estéticos femininos como ideal de um maior grau de embranquecimento, (desde a mulher mestiça até à branca), seu trânsito afetivo é extremamente limitado. Há poucas chances para ela numa sociedade em que a atração sexual está impregnada de modelos raciais, sendo ela representante da etnia mais submetida. Sua escolha por parte do homem passa pela crença de que seja mais erótica ou mais ardente sexualmente do que as demais, crença relacionada às características do seu físico, muitas vezes exuberante. Entretanto, quando se trata de um relacionamento institucional, a discriminação étnica funciona como um impedimento, mais reforçado à medida que essa mulher alça uma posição de destaque social (NASCIMENTO, 1990, p 3).

A personagem-narradora, mesmo com as manipulações de Rael e de sua dependência emocional, com um tempo foi analisando melhor o relacionamento dos dois e se dando conta de alguns detalhes, que antes passavam despercebidos, e se tornam mais evidentes: “Atenho-me fria, insisto nos detalhes. A perspectiva de distância fere o limite do orgulho na mínima dignidade e ajuda-me a racionalizar o passado. A vida é assim. Basta um grande susto e a tendência é racionalizar para sofrer menos.” (ALVES, 2011, p. 69), ou seja, ela passou a se “apegar” mais a essas características problemáticas de Rael como estratégia para começar a se soltar das amarras que o relacionamento rompido dos dois a proporcionou, relacionamento este que afetou negativamente a vida da personagem. Ela afirma que tal atitude era uma forma de sofrer menos e se conformar mais com a ausência. Em contrapartida, a personagem se mostra instável em alguns momentos nas suas cartas quando se trata da rejeição de Rael então seus sentimentos entram em um embate: finalmente deixar ir e querer de volta o que tivera um dia. Podemos enxergar isso no trecho a seguir: “Quero-o nu. Verdadeiros, prendendo-me no laço do olhar. Este é o você que amo. Vivo, humano, quente, capaz de chorar, sorrir sem esforço. (...) Sabemos, queremos ser completos para não sermos sozinhos. E o preço? O preço?” (ALVES, 2011, p 76).

Nas últimas cartas, podemos observar a personagem se libertando dos sentimentos de co-dependência que a aprisionavam a Rael, e aos poucos ela vai reconstruindo sua vida. A fotógrafa dá seu primeiro passo para atingir sua liberdade ao tomar a própria decisão de “deixar ir” o que o homem representava pra ela:

Chega! Rael, decididamente, chega! Estepe emocional não é o papel preferido para representar no teatro da vida. Chega! Quero a liberdade dos pensamentos. Quero a liberdade de sentimentos. Sei solidão! Solidão! O fantasma me persegue desde o tempo em que saí de casa dos meus pais no interior para viver, ou tentar viver, nesta imensa capital do desespero chamada São Paulo. Não quero mais falar nisso, chega! (ALVES, 2011, p 76).

A partir desse “acordar” da personagem, percebemos que passou a ser mais fácil para ela recomeçar sua vida. Dessa forma, conseguimos enxergar que o abandono de Rael não estava mais a atingindo tanto quanto antes a partir do seguinte trecho do conto: “Ontem achei

a vida diferente. Não saberia responder por quê. Tremenda vontade de ficar deliciosamente estranha” (ALVES, 2011, p 77). Esta frase da narradora é o primeiro sinal de que seu processo de libertação estava dando certo.

Vemos durante boa parte do conto o quanto a ausência de Rael atingiu a personagem-narradora e, ironicamente, a mulher utiliza a própria ausência como estratégia para transgredir: “Fazia quatro meses que não o via. Não quis vê-lo. É fácil vê-lo. É fácil não o ver. Percebi, a ação depende de mim. Agi. Aguardei carta, talvez visita surpresa. Nada aconteceu. Apenas silêncio, ausência” (ALVES, 2011, p 77). Mesmo que a vontade de procurar saber sobre Rael apareça vez ou outra, como uma recaída, a personagem se mostrou determinada a não desistir de sua estratégia, como quando ela cita em um momento do conto em companhia de seu amigo - que também é amigo de Rael - e a mulher resiste à vontade de perguntar sobre ele: “Respeitei sua privacidade, violentei minha curiosidade” (ALVES, 2011, p 77). Conforme o conto vai chegando ao fim, fica cada vez mais evidente a libertação da personagem como podemos perceber no trecho abaixo:

Rael, ao banhar-me pela manhã, retirava dos poros o resto de sua presença. Estou curada. Espero não ter recaída. Surpreso por considera-lo uma doença? Não pegue a palavra no pé do termo, é uma simbologia. Andei lendo muito estes meses. Estou tornando-me intelectual. Enxuguei você. Enxuguei lágrimas de tempos. Sou apenas eu de novo. Um simples eu (ALVES, 2011, p 77).

Ainda sobre trecho acima, também podemos enxergar o quão tóxico foi o relacionamento que a personagem manteve com Rael ao se referir a ele como uma “doença”. Doença esta que ela, finalmente, conseguiu se curar: “Olhei no espelho. Ao refletir-me, caí da parede. Espatifou-se. Assustou-se, certamente, com meu novo semblante” (ALVES, 2011, p 79).

A narradora também usa seu amor pela fotografia como uma estratégia para sua libertação. Nos momentos em que ela se sentia perdida em meio à solidão, saía para fotografar e nessa atitude via como um escape, uma fuga daquilo que a estava machucando: “Apanhei a câmera fotográfica. Ela não me abandona nunca. Posso estar alegre ou triste. Só ela está comigo, ajudando-me a ver o mundo. (...) estou meio louca. É a solidão, o enclausurar-me voluntário” (ALVES, 2011, p 77). Em um certo momento nas cartas, a personagem consegue, finalmente, usar a fotografia além de apenas um hobby, ao receber uma proposta para expor o seu trabalho em uma galeria. Apesar da oportunidade incrível, a mulher se entristece, pois o sonho em ter prestígio profissional não era dela, mas de Rael: “A melhor oportunidade da vida e estava triste. Você diria, Rael: ‘Pense no futuro. Conhecer gente. Ir ao exterior. Triste por quê?’” Seus sonhos na minha vida! Seus sonhos. Sempre seus sonhos de sucesso. Sair do

limbo da nossa gente” (ALVES, 2011, p 78). Entretanto, ela refuta essa ideia, ao aceitar a proposta, não para atingir um prestígio e sucesso profissional como Rael faria, mas sim como uma forma de resistência, afirmação e transgressão: “O importante não era o trabalho, era estar lá exibindo a minha origem, expor a cor da minha pele” (ALVES, 2011, p 78).

Também devemos mencionar o fato da personagem revelar sua gravidez na última carta, resultado da noite de recaída que teve ao esbarrar-se em Rael na festa. Percebemos que a gravidez foi o ponto chave de recomeço da personagem. É neste momento narrado na carta, que enxergamos o fato dela deixar o que teve com Rael no passado. Mesmo a personagem tendo consciência que o filho pode ser “nova desculpa para vacilações e tentações” (ALVES, 2011, p 78). Ainda assim, a fotógrafa se mostra disposta a continuar seguindo sem Rael:

Olhei minha barriga, estava crescendo. Não poderia mais esconder a gravidez. São decisões a tomar na vida. Você foi embora. Algo seu ficou aqui. Não sabia disso? Tive vontade de recuperar todas as cartas que lhe enviei, queimá-las. E, se caso tiver coragem de colocar esta no correio, correr atrás do carteiro e assalta-lo, pegar de volta os meus segredos. Passado! Tudo passado. Lembranças. Tenho seu filho. Você, as cartas guardadas na sua caixa de totens. Gosta de guardar lembranças concretas. Suga as emoções e preserva-se ileso, intacto, alisando o totem das lembranças. Você é colecionador. Inutilidades, tudo inutilidades (ALVES, 2011, p 78).

Outro ponto que podemos destacar e que confirma processo de libertação da personagem é a forma como ela “se despede” do remetente em cada uma das cartas, todas de formas diferentes, podemos associá-las de acordo com cada fase de seus sentimentos quanto ao Rael. Quando ela finaliza a primeira carta com um “abraços, seu idiota!” (ALVES, 2011, p 69) transparece o sentimento de raiva pelo término e a não aceitação do abandono. Ela xinga Rael de idiota por ter tido a atitude de deixá-la. Na segunda carta, ela também volta a xingá-lo, porém, contrapõe quando diz que o “ama e deseja abraços e beijos nos lugares que ele gosta” (ALVES, 2011, p 72). Então é uma mistura confusa de sentimentos entre querer a pessoa e odiá-la por ela não estar presente. Na finalização da terceira carta, quando ela escreve: “Abraços, beijos... Desta... Sua ontem... Novamente apesar da promessa do nunca mais” (ALVES, 2011, p 74), ela retoma a sensação de ter sido dele novamente, por terem passado a noite anterior juntos. A recaída. Na quarta carta, ela finaliza deixando evidente as lembranças que ela guarda dele: “Daquela que, apesar de... e por tudo..., irá guardá-lo como boa lembrança. Beijos. Mando-lhe a foto do Sítio do Pipa. Uma visão do mangueiral” (ALVES, 2011, p 76), independentemente das informações da carta serem boas ou ruins, é perceptível o tom nostálgico que a narradora usa ao escrever. Por fim, na última carta, a carta de libertação, a fotógrafa é direta se despedindo de vez do companheiro que tanto a fez sofrer, quando escreve um simples e frio “adeus!” (ALVES, 2011, p 79). Assim, as cinco cartas que a personagem-

narradora escreve para Rael representam as muitas violências simbólicas que sofreu, manifestas nos sentimentos de insegurança, raiva, revolta e angústia, como também revela sua força, coragem e determinação em busca da cura de uma relação de dependência e conquista de sua emancipação.

1.2 Mergulhadas em revoltas, embriagadas de recordações: resistência negra- feminina no conto “Xeque-mate”

Extraído de sua obra *Mulher Mat(r)iz*, o conto “Xeque-mate” narra a história de três mulheres negras que se reencontram coincidentemente anos após se distanciarem devido a um acontecimento traumático do passado que enfrentaram juntas e que descobriremos ao longo do conto. Narrada em terceira pessoa, a história se inicia a partir do encontro de Irene, Verônica e Cláudia, que foram levar suas filhas, Renata, Camila e Sônia ao aeroporto para uma viagem de escola. Após mais de 20 anos, as três mulheres adultas se surpreendem ao se reencontrarem e descobrirem que, assim como elas em sua época de adolescência, coincidentemente, as filhas mantêm uma amizade. A reação das mães ao momento é de espanto e um silêncio pesado se instala entre elas. As filhas nada entendem, porém, não questionam.

Antes de Renata, Camila e Sônia formalizarem as apresentações nomeando as mães, elas balbuciaram, juntas. Na voz, o espanto: “Irene, Verônica, Cláudia”. Reconheceram-se. Reconheceram-se. Aos nomes se seguiu um silêncio de chumbo, um ar denso dominara o cenário (ALVES, 2011, p. 56).

Cada uma das mães reage ao reencontro de uma forma. Claudia teve o seu corpo estremecido por lembranças específicas que vieram à tona. A personagem tentou aparentar descontração por meio de um sorriso animado e se referiu ao encontro com as outras mulheres como uma surpresa. Já Verônica teve uma reação mais tensa. Sentiu vontade de fugir daquele momento, correr, literalmente. A mulher ficou muda e paralisada. Desejou esquecer que conhecia as duas melhores que estavam à sua frente e que tinham sido suas amigas no passado, mas, ainda assim, com um gesto forçado, ela as cumprimentou. Irene, por sua vez, sentiu a presença das duas mulheres como um gatilho. Sentiu pânico por tais lembranças do passado terem voltado. Para as três mulheres, aquele encontro casual pareceu ter congelado o momento, pareceu que duraria uma eternidade. Apesar de cada uma ter reagido de uma forma, percebe-se os sentimentos em comum que as três mulheres sentiram naquele instante: a agonia e o medo.

“Irene, escamoteando o que a atormentava em pesadelos atemorizantes e inconfessáveis que, naquele instante, se incorporaram à presença de Cláudia e Verônica. Contemplava-as como quem via fantasmas saídos inesperadamente da bruma da escuridão de suas noites insones. Seus pensamentos rodopiavam no tempo. Perplexa, interrogava-se calada: ‘como elas podem aparentar esta calma? Como podem estar assim, lindas e indiferentes? Será que elas se esqueceram daquele dia? Como esquecer aquilo?’ (...) Se esforçou para esquecer, assustada, com medo da própria sombra. (ALVES, 2011, p. 56)

No decorrer do conto, a voz narrativa vai discorrendo mais sobre o segredo que ocasionou o pânico nas mulheres ao se encontrarem depois de anos e, aos poucos, vamos descobrindo mais sobre esse perturbador momento do passado. Fica cada vez mais evidente que o acontecimento traumático que as deixou nesse estado tenha tido violência envolvida.

Nesta manhã de surpresas, as amigas do passado estavam ali se equilibrando como espectadoras da primeira viagem das filhas sem as protetoras maternas. Um leve estremecimento a percorreu. Perturbadas, emudecidas, mergulharam em recordações (ALVES, 2011, p. 59).

O dia que marcou a vida dessas personagens de maneira tão brutal foi motivado pela “gentileza” de um homem chamado Carlos, que as convidou para irem à sua casa de praia no domingo em que as três saíram escondidas dos pais, mal sabendo elas que seriam levadas para o pior momento de suas vidas.

O homem ficou “encantado” pela beleza de Irene e em um dado momento tentou beijá-la. Quando a menina se negou, ele reagiu de forma violenta e a agarrou à força. O sujeito arrancou as roupas de Irene a deixando exposta, porém, ela reagiu contra o homem bêbado, correndo e fugindo, enquanto ele a perseguiu furioso.

Depois de alguns tragos a mais, Carlos, encantado por Irene, tentou beijá-la, Frente a sua negativa, começou agarrá-la ali mesmo na sala decorada com requintes discretos na casa da praia. Abruptamente, arrancou a blusa de uma Irene relutante, expondo os seus seios lindos, firmes e atrevidos. Desvencilhando dele, que estava bêbado, Irene correu para a cozinha, perseguida pelo homem trôpego, luxuriante e furioso (ALVES, 2011, p. 61).

Claudia e Verônica, ao presenciarem o homem em cima de Irene no chão da cozinha tentando a todo custo estuprá-la, paralisaram no primeiro momento. Porém, um instante depois do choque, veio a reação: as amigas se armaram de uma garrafa de vinho que estava próximo a elas e golpearam o violentador na cabeça de modo que ele caiu instantaneamente no chão, libertando assim Irene da situação brutal. O gesto das amigas ao defenderem Irene pode ser considerado um grande ato de coragem, levando em consideração que, mesmo sendo em maior quantidade de mulheres no local, os homens, geneticamente e biologicamente falando, costumam ter mais força física e resistência que as mulheres.

As amigas acudiram, desesperadas. Armaram-se do objeto mais próximo, uma garrafa de vinho, e o golpearam. Os estilhaços do vidro espatifaram-se no chão. Misturavam-se sangue, vinho, gritos, choros, gargalhadas nervosas de Cláudia e os urros de dor de Carlos (ALVES, 2011, p 51).

Independentemente de não ter acontecido a penetração durante a violência sexual denunciada no conto, a tentativa já se configura como estupro. A agressão encenada na narrativa de Miriam Alves pode ser vista como mais uma situação em que a mulher negra se torna vulnerável diante do homem branco, este que se sente o seu proprietário, considerando legítimo o direito de violentá-la. Tal cenário é consequência da cultura machista que resulta da ideologia patriarcal. Saffioti explica: “violência de gênero, (...) não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino” (SAFFIOTI, 2004, p 81). Tal situação no contexto do conto piora com o fato do abusador ter alto poder aquisitivo e influência profissional. Então, vemos aqui também mais um caso de violência simbólica legitimada por uma estrutura de dominação.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados (BOURDIEU, 1989, p.1).

Vemos essa violência simbólica ainda mais explícita no momento em que o violentador debocha das adolescentes quando elas ameaçam denunciá-lo. O agressor aproveita de sua posição privilegiada de homem branco e rico para argumentar que ninguém acreditaria nas palavras das jovens. Sabemos que, infelizmente, a ideologia patriarcal, de fato, pode deixar um estuprador impune. Esta é uma das razões que fazem os homens se sentirem à vontade para cometerem diversas violências contra as mulheres. No caso da personagem Irene e suas amigas, por serem mulheres negras, suas vozes são ainda mais silenciadas. Nesse sentido, aponta Saffioti (2004):

Poder-se-ia argumentar que tampouco a compreensão dos direitos humanos é homogênea, pois varia segundo as classes sociais, segundo as raças/etnias, de acordo com os gêneros. No seio mesmo de cada uma destas categorias encontram-se distinções de entendimento (SAFFIOTI, 2004, p. 78).

O homem também utiliza desse poder simbólico ao oferecer às meninas uma quantia de dinheiro em dólar para que elas não o denunciassem. As personagens aceitaram a proposta, porém, sentiram que invalidaram suas dignidades. A partir de então, ao lembrarem o traumático acontecimento, elas sentiam um misto angústia, culpa, medo e dor. As três

romperam a amizade e cada uma seguiu seu caminho.

Apesar de Carlos utilizar seu poder-dominador contra as três personagens, antes delas cederem a seu dinheiro, ele se sentiu intimidado e apreensivo pois, de fato, as adolescentes poderiam denunciá-lo. Ele não demonstrou medo perante as ameaças delas, e muito menos que isso poderia acabar com sua carreira profissional, porém, o narrador expõe seus sentimentos: “Carlos, (...) atinou que podia se expor a escândalos. Seu nome e da sua empresa envolvidos em ataques sexuais a adolescentes” (ALVES, 2011, p 51). Este é um momento de medo e apreensão da figura masculina. O homem nunca está preparado para cenários como este, pois, ele está acostumado a ter o poder a seu favor. Na concepção de Saffioti:

O poder apresenta duas faces: a da potência e a da impotência. As mulheres são socializadas para conviver com a impotência; os homens – sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder. Convivem mal com a impotência. Acredita-se ser no momento da vivência da impotência que os homens praticam atos violentos, estabelecendo relações deste tipo. (SAFFIOTI, 2004, p 84).

Acontecimentos traumáticos como o que Irene, Claudia e Verônica sofreram, sobretudo quando se trata de violência sexual, deixam marcas não só físicas nas vítimas, como também nos aspectos psicológicos e comportamentais de modo que perpetuam por muito tempo em suas vidas, podendo até mesmo não serem superados. Dessa forma, Saffioti afirma o seguinte:

A magnitude do trauma não guarda proporcionalidade com relação ao abuso sofrido. Feridas do corpo podem ser tratadas com êxito num grande número de casos. Feridas da alma podem, igualmente, ser tratadas. Todavia, as probabilidades de sucesso, em termos de cura, são muito reduzidas e, em grande parte dos casos, não se obtém nenhum êxito (SAFFIOTI, 2004, p 19).

Podemos observar esses traumas muito presentes na vida de Irene, Claudia e Verônica. Prova disso é a forma como as mulheres observam suas filhas partirem para uma viagem da escola sem a proteção materna. Elas ficam apavoradas, voltando seus pensamentos há anos atrás quando elas próprias foram a um passeio à praia em um final de semana, tal como as filhas agora. Essa situação causa uma espécie de *déjà vu* às mães e as três passam a espelhar nas filhas, o que elas eram quando tinham a mesma idade. Esse segredo que tanto assombrou Irene, Verônica e Cláudia e que permaneceu sendo uma grande dor para elas, principalmente para Irene que foi violentada sexualmente, transforma-se em um medo de que as filhas das três personagens pudessem sofrer a mesma violência:

Irene, com a face quase colada ao vidro, relutava em pensamentos. Admirava-se com a filha Renata, que muito se parecia com ela outrora, bela, chamativa, quase irresistível. Rezava para que Renata se livrasse de confusão que ela mesma, Irene, não conseguira. A memória reavivada, guiada na sensibilidade do instante, a

conduzia por caminhos para além do bloqueio que esgueira, isolando os eventos daquele dia na praia (ALVES, 2011, p. 60).

Como mencionado anteriormente, traumas também podem ser responsáveis pela mudança de comportamento da vítima. Outro exemplo que conseguimos enxergar no conto é o fato de que Irene, que antes usava roupas que destacavam a sua beleza e sensualidade na juventude, passa a esconder seus atributos em roupas mais discretas: “Verônica mediu Irene discretamente dos pés à cabeça, atentou para as roupas pesadas e discretas, numa tentativa de escamotear a beleza e sensualidade, que já fora juvenil e que, agora, explodia na maturidade apesar da proteção severa indumentária” (ALVES, 2011, p. 58).

Tal mudança aconteceu principalmente por conta do sentimento de culpa que Irene passou a carregar após o cenário de violência que sofreu com suas amigas. Irene se culpou por usar roupas “provocantes”, mesmo sua mãe aconselhando a não usar. Se culpou pelo seu jeito de agir, de ser. Se culpou por sofrer assédio dos meninos da escola. Como se o fato dela ser uma linda mulher e de se vestir de maneira que ressaltava suas curvas fosse um convite para assédio e violência sexual. Também é exposto no conto esse mesmo sentimento por parte de Verônica, que, assim como Irene, admirava que as atitudes da filha fossem tão parecidas com as delas. Tal como a mãe, Camila era cuidadosa com as atitudes, pensava bastantes antes de agir. Porém, Verônica lamentava que, mesmo sendo tão cautelosa, aceitara o convite do estranho. A personagem se culpa por não ter tido o cuidado que sempre costumava ter.

Infelizmente esse é um pensamento bastante recorrente na sociedade, inclusive nas próprias vítimas. De uma forma ou de outra, a mulher é sempre questionada quando sofre violências. Que roupa estava usando; o que estava fazendo em determinado local e horário; porque não estava em casa ao invés de estar bebendo em uma boate; porque aceitou o convite de sair com alguém que mal conhecia. Sobre essa questão, Saffioti explica:

Aliás, as mulheres são culpabilizadas por quase tudo que não dá certo. Se ela é estuprada, a culpa é dela, porque sua saia era muito curta ou seu decote, ousado. Embora isto não se sustente, uma vez que bebês e outras crianças ainda pequenas sofrem abusos sexuais que podem dilacerá-las, a vítima adulta sente-se culpada. Se a educação dos filhos do casal resulta positivamente, o pai é formidável; se algo dá errado, a mãe não soube educá-los. Mais uma vez, a vítima sabe, racionalmente, não ter culpa alguma, mas, emocionalmente, é inevitável que se culpabilize (SAFFIOTI, 2004, p. 64).

Sempre vão haver esses e outros mil questionamentos para deslegitimar a mulher vítima de abuso ou violência sexual, porém, pouco ou quase nada se questiona o porquê de homens serem violentos. Podemos concluir que o conto de Miriam Alves aborda violência física, sexual, moral, psicológica e simbólica contra as personagens adolescentes e

vulneráveis.

A autora trata a história das três mulheres como um jogo de xadrez. Ela usa o jogo como uma metáfora para descrever o reencontro dessas mulheres, anos após o fatídico dia de violência que sofreram, uma em frente à outra. Irene, Verônica e Claudia seguiram com suas vidas, refizeram seus caminhos usando o dinheiro que recebeu do violentador em benefício de ajudar seus próprios futuros e, tal atitude, pode ser considerada uma maneira de superar o ocorrido. Porém, as memórias daquele dia horrível ainda as assombravam anos e anos. Não superaram definitivamente tais acontecimentos, nem o fato delas terem cada uma seguido seus caminhos longe uma das outras. As peças de xadrez continuaram paradas naquele momento ruim, até o dia do reencontro no aeroporto, quando ficaram face a face após tanto tempo. Ali houve a redenção: “Abraçaram-se como retornadas de longa viagem. Irene chorava. Verônica as envolvia num abraço maiúsculo e Cláudia, acompanhada por sua característica gargalhada” (ALVES, 2011,p 61). Foi o momento delas se libertarem do mal que as enjaulavam. Irene, Claudia e Verônica ao se abraçarem, deram um xeque-mate no tormento que as perseguiu durante tantos anos.

CAPÍTULO II

2.1 Quando tudo era dor, pari sonhos e construí caminhos: uma análise do conto “Aramides Florença”

Aramides Florença, conto de Conceição Evaristo presente na obra “*Insubmissas Lágrimas de Mulheres*” (2020), vai relatar a vivência no casamento, e principalmente, o período de gestação da personagem Aramides. No decorrer da história, o/a leitor/a vai sendo apresentado a uma série de mudanças na relação do casal, mudanças sempre embasadas em violências.

Diferente do que ocorre na representação de mulheres negras na literatura canônica - masculina, heterossexual e branca - na qual às mulheres negras são representadas quase sempre ocupando espaços de subordinação, logo no início do conto de Conceição Evaristo, a narradora enfatiza que a personagem Aramides Florença é uma mulher que tem uma vida profissional satisfatória, chefe do departamento pessoal de uma grande empresa e bem resolvida no aspecto econômico e emocional. Aramides possui uma relação boa e de companheirismo com o marido. Ambos não tinham preocupações financeiras, moravam em um bom apartamento próprio e foram se moldando à vida de casados conforme suas próprias expectativas. Porém, as coisas passam a se tornar estranhas durante a gravidez de Aramides.

Entretanto, antes de sabermos disso, bem no começo do conto é exposto que o pai do filho de Aramides havia os deixado quando o bebê tinha apenas alguns dias de vida. Em um primeiro momento, não tem traços de infelicidade na situação relatada pela narradora ao nos mostrar como Aramides se portava feliz ao observar o filho pronunciar sons desde a partida do pai, assim como a criança também expunha sua alegria através da expressão em seu rostinho e seus movimentos. Todavia, em dado momento, a narradora nos intriga com o seguinte trecho: “Nem sempre fora assim, antes havia a figura do pai por perto” (EVARISTO, 2020, p. 10), então, passamos a desconfiar que a figura masculina fez algo grave contra a própria esposa e o filho.

Aramides, que quando mais jovem fantasiava a chegada do homem certo para ser seu marido e pai de seu filho, encontrou o homem que veio a cumprir esses papéis. Como relatado anteriormente, eram felizes, tinham uma vida tranquila de casados e se sentiram radiantes com a gestação da personagem: “A gravidez desejada logo aconteceu. Sentindo-se bem-aventurados, se rejubilaram quando o exame de urina deu positivo. Desde então, os dois

grávidos mais felizes prometeram ser, para repartirem a felicidade com a criança que estava por vir” (EVARISTO, 2020, p. 10).

A reação do marido no início da gestação de Aramides era de sorrisos ao lado da esposa. Segundo a narradora, o homem se desmanchava em felicidade ao sentir as mexidas do filho na barriga da mulher de maneira que o casal se enchia de ansiedade para ter o bebê. Entretanto, percebemos coisas estranhas acontecendo com Aramides. Ainda durante sua gestação, seu marido passa a ter comportamentos abusivos e extremamente ameaçadores, que resultam na violência doméstica, psicológica e sexual. O primeiro acontecimento suspeito ocorreu quando uma lâmina do aparelho de barbear rasgou a pele da barriga grávida de Aramides:

Um dia, algo dolorido no ventre de Aramides inaugurou uma perturbação entre os dois. Já estavam deitados, ela virava para lá e para cá, procurando uma melhor posição para encaixar a barriga e, no lugar em que se deitou, seus dedos esbarraram em algo estranho. Lá estava um desses aparelhos de barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldades para se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de um dos lados de seu ventre. Aramides não conseguiu entender a presença daquele objeto estranho em cima da cama. (...) O homem, pai do filho de Aramides Florença, não soube explicar a presença do objeto ali. Talvez tivesse sido na hora que ele foi preparar a cama dos dois... Talvez ele estivesse com o aparelho na mão. Talvez... Quem sabe... (EVARISTO, 2020, p. 13).

A narradora deixa um suspense nesse trecho que nos dá abertura para desconfiar do marido de Aramides. A própria personagem tem suas desconfianças, mas parece ser um absurdo tão grande que ela não leva suas suspeitas para frente. Essa reação é muito comum nas mulheres que começam a sofrer abusos de seus companheiros, principalmente quando estes sempre se mostraram bons e atenciosos como narrado no conto: “O pai, (...) repartia os seus mil sorrisos ao lado da mãe. E mais se desmanchava em alegrias, quando percebia, com o toque de mão ou com o encostar do corpo no ventre engrandecido da mulher, a vital movimentação da criança” (EVARISTO, 2020, p.13). Mas mudanças podem acontecer e o homem, como já vimos no presente estudo, quando não tem seu poder sobressaindo, passa a intervir de alguma forma. E essas intervenções são, em sua maioria, violentas. A partir do momento que o homem sente que não tem mais posse de algo ou alguém que ele acredita ter, ele se torna agressivo. Podemos comprovar essa argumentação ao analisar mais uma violência brutal praticada pelo marido de Aramides durante a gestação da personagem:

Estava ela no último mês de gestação, quando meio sonolenta, já de camisola, mas ainda de pé, narcisicamente se contemplava no espelho do banheiro. (...) pelo espelho, viu o seu homem se aproximar cautelosamente. Adivinhou o abraço dele que receberia por trás. Fechou os olhos e gozou antecipadamente o carinho das mãos do companheiro em sua barriga. Só que, nesse instante, gritou de dor. Ele, que pouco

fumava, e principalmente se estivesse na presença dela, acabara de abraçá-la com o cigarro aceso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides. Um ligeiro odor de carne queimada invadiu o ar. Por um ínfimo momento, ela teve a sensação de que o gesto dele tinha sido voluntário (EVARISTO, 2020, p. 14).

As suspeitas de Aramides aumentam após mais um ato violento de seu marido, porém, persiste em permanecer sem questionar. A personagem segue normal com a sua vida, entretanto, cheia de desconfiança. É comum o abusador manipular a vítima com suas palavras bonitas e gestos cuidadosos para “apagar” os atos violentos e foi dessa forma que o homem conseguiu permanecer na vida de Aramides. Por mais que ela soubesse desses atos, ela se sentia confusa. A mulher conhecia, até então, apenas o lado amoroso do marido e isso se corrompeu quando ele mostrou a face possessiva e ciumenta. Em um momento do conto a narradora descreve Aramides procurando justificar os atos violentos do marido: “Tudo tinha sido atordoamento de alguém que experimentava pela primeira vez a sensação de paternidade. Com certeza, tudo tinha sido atrapalhação de marinheiro de primeira viagem...” (EVARISTO, 2020, p 15). Dessa forma, a relação abusiva de Aramides e seu marido cai na rotina e os gestos violentos continuam a acontecer. SAFFIOTI explica:

A violência doméstica apresenta características específicas. Uma das mais relevantes é sua rotinização (SAFFIOTI, 1997c), o que contribui, tremendamente, para a codependência e o estabelecimento da relação fixada. Rigorosamente, a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. Neste sentido, o próprio gênero acaba por revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu “destino” assim o determina. (SAFFIOTI, 2004, p. 84)

A rotinização da relação abusiva de Aramides e seu marido vai ficando cada vez mais evidente no conto e a violência vai aumentando de maneira gradativa. Após o nascimento do filho do casal, o personagem masculino apresenta mais um comportamento agressivo que deixa Aramides em alerta. Certa noite, enquanto observava o filho, o homem questionou em voz alta quando Aramides “seria apenas dele novamente” (EVARISTO, 2011, p.15). A mulher ficou sem reação. Ela percebeu o estranho ciúme do marido e um silêncio ensurdecedor preencheu o quarto. Para sair da situação atemorizante, Aramides desejou que o filho acordasse chorando, porém, ele permaneceu em um sono silencioso. Como forma de amenizar a insegurança do marido, Aramides buscou se aconchegar nele, porém, mais uma vez o homem agiu de forma violenta. O homem se levantou ríspidamente e saiu do quarto batendo a porta com força deixando a sua esposa apavorada e o próprio filho, que antes dormia em paz, acordou chorando assustado. A partir dessa situação, a personagem passa a

ter medo do marido. A narradora ainda expõe que, para Aramides “(...) o olhar caloroso e convidativo do homem, (...) passou a incomodá-la. Já não era mais um olhar sedutor, como fora inclusive durante quase toda a gravidez, e sim uma mirada de olhos como se ele quisesse agarrá-la à força”. (EVARISTO, 2020, p 16).

Após os sucessivos atos de violência que o marido de Aramides vinha cometendo, um gesto maior e mais doloroso aconteceu. Enquanto a mulher amamentava seu filho, o marido chegou em casa, e ao ver tal cena, ele arrancou o filho dos braços da mãe e começou a violentá-la:

Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato da amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Elmidés me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada, sofri, sentindo o sangue jorrar. Do outro seio, o que ele não havia tocado, pois defensivamente eu conseguiria cobrir com parte do lençol, eu sentia o leite irromper. Nunca a boca de um homem, como todo o seu corpo, me causa tanta dor e tanto asco, até então. E, inexplicavelmente, esse era o homem. Aquele que eu havia escolhido para ser o meu e com quem eu havia compartilhado sonhos, desejos, segredos, prazeres... E, mais do que isso, havia deixado conceber em mim, um filho. Era esse o homem que me violentava, que machucava meu corpo e a minha pessoa, no que eu tinha de mais íntimo. Esse homem estava me fazendo coisa dele, sem se importar com nada, nem com o nosso filho, que chorava no berço ao lado. (EVARISTO, 2020, p. 17-18).

Usou de seu ciúme doentio para violentar a esposa e atacar seu próprio filho. Tal violência é resultado do sentimento de posse do homem, que se intensificou no decorrer da gravidez da sua companheira. O homem enxergava o filho como uma ameaça, como se a criança tomasse a atenção de Aramides apenas para si. O estupro que Aramides sofreu do próprio marido simboliza a objetificação do corpo feminino, este que foi usado da maneira mais cruel como uma forma de dominação. A respeito dessa questão, Bourdieu afirma:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas (BOURDIEU, 2012, p. 82).

O conto retrata a violência sexual no matrimônio, o que infelizmente é muito comum na sociedade. O marido de Aramides se achou no direito de cometer essa violência contra a esposa e ainda existe quem defenda que o fato de ser esposa, seja motivo para aceitar as investidas do marido, mesmo sem o consentimento da mulher. Aramides sofre essa violência de forma brutal e sem defesas: “(...) eu estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim.” (EVARISTO,

2020, p 17), e assim conforme revela Saffioti: “A violência doméstica ocorre numa relação afetiva, cuja ruptura demanda, via de regra, intervenção externa” (SAFFIOTI, 2004, p 79).

Apesar de todas as violações sofridas pela personagem, podemos perceber que Aramides conseguiu ressignificar a sua existência, superar o trauma da violência e seguir sua vida de maneira feliz com seu filho, que também sofreu nas mãos do pai. Vemos isso no início do conto, quando a narradora conta:

Aramides me olhou, dizendo, feliz, que o seu filho pronunciava sempre os mesmos sons, desde que o pai dele havia partido, há quase um ano, quando o bebê tinha somente alguns dias de vida. Eu percebi, intrigada, que tanto pelos sons, como pela expressão de rosto e movimentação de corpo do menininho, o melodioso balbúcio infantil se assemelhava a uma alegre canção.” (EVARISTO, 2020, p 9).

Podemos concluir que Aramides, apesar de todo o abuso e traumas que passou, conseguiu superar a situação e se dedicar a ser feliz com o filho. A mulher, com sua estabilidade financeira advinda de sua profissão, passou a se priorizar e se dedicar ao recomeço de sua vida ao lado de seu filho. Aramides se reinventa, trazendo resiliência e reconstrução.

2.2 O inimigo dorme ao lado, mas sigo de olhos abertos: estratégias de (re)existência no conto “Shirley Paixão”

O conto *Shirley Paixão*, presente na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), de Conceição Evaristo, narra a história de uma mulher negra, mãe solo de duas filhas, que se relaciona com um homem viúvo, pai de três meninas, e ela passa a acolher e amar as filhas dele como se fosse de seu sangue: “As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas” (EVARISTO, 2020, p 28).

No decorrer do conto, entendemos melhor a construção do relacionamento de Shirley com as filhas, inclusive as que não são de seu sangue, e podemos perceber o tanto de amor e companheirismo que umas têm com as outras. O fato das filhas do homem terem perdido a mãe desde novinhas, idades entre cinco a nove anos, fazia com que Shirley criasse um vínculo forte com elas, sentindo uma forte necessidade de protegê-las:

Quando ele veio para minha casa, trouxe as três meninas. Elas eram pequenas, as minhas duas regulavam idade com as deles. As cinco meninas tinham idades entre cinco e nove anos. E, logo-logo, selaram irmandade entre elas. (EVARISTO, 2020, p. 27)

A união entre a mulher e suas filhas foi se intensificando cada vez mais e, num determinado momento, o homem passou a se incomodar com essa confraria. De alguma maneira, a união e força feminina, o intimidava: “Às vezes, o homem da casa nos acusava, implicando com o nosso estar sempre junto” (EVARISTO, 2020, p. 28). Shirley não chegava a se importar, de fato, com essas reações do homem. Porém, em seu íntimo, ela sentia que a união dela com as filhas seria para um dia enfrentar algum perigo e que esse inimigo seria o homem da casa, seu marido e pai das meninas. Mesmo com esse sentimento invadindo os pensamentos da personagem, ela não queria acreditar que o homem que deveria protegê-las, poderia fazer algo contra elas. Ela se recusou a entender os sinais e dar razão à sua intuição:

Nunca me importei com as investidas dele contra a feminina aliança que nos fortalecia. Não sei explicar, mas, em alguns momentos, eu chegava a pensar que estávamos nos fortalecendo para um dia enfrentarmos uma luta. Uma batalha nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele. Mas como? Por que ele? Até que o tempo me deu a amarga resposta e entendi, então, os sinais que eu intuía e que recusava decifrar (EVARISTO, 2020, p. 28).

Ao longo do conto, conseguimos conhecer melhor a filha mais velha, Seni. A menina era tímida, se comportava de uma maneira introvertida e se mantinha em silêncio. Falava pouco, apesar de conseguir ficar muito tempo na presença da mãe e das irmãs. A mulher passou a pensar que o motivo da filha agir dessa forma seria por causa da mãe biológica. Já a relação de Seni com o pai era mais conturbada. O homem não tinha paciência com a filha e vivia de implicância com ela: “Quando se dirigia à menina era sempre para desvalorizá-la, constantemente com palavras de deboche, apesar da minha insistência em apontar o modo cruel com que ela tratava a filha” (EVARISTO, 2020, p. 28).

O conto vai focando cada vez mais em Seni, que foi crescendo e se tornando “moça feita” ao chegar aos 12 anos de idade, como a narradora expõe. Podemos observar a proteção que ela foi tendo com ela mesma e principalmente com as irmãs. Shirley queria tirar esse peso da menina para que tal responsabilidade fosse direcionada apenas para ela, porém, ainda assim, a menina tinha um grande excesso de cuidado com as irmãs e até mesmo com a própria Shirley.

Eu procurava desviá-la do caminho de uma responsabilidade, que não era dela, ao perceber o excesso de cuidado e os gestos de proteção com que ela cercava as irmãs e, às vezes, se eu permitisse, até a mim. Sempre de pouca conversa, mas de um desmedido amor para quem convivesse com ela. (EVARISTO, 2020, p. 28).

A situação vai se mostrando mais séria quando a professora de Seni chama Shirley para falar sobre o comportamento da menina. Percebemos que, pela forma como a professora

relata à Shirley, Seni carrega algumas características que podem ser consequências das que ela já demonstra em casa, como a mania de perfeição e autocensura, provavelmente pela forma debochada que o pai a tratava. Após a conversa entre a professora e a mãe, foi acordado que tratassem esses problemas da menina com um profissional e tal ação resultou na fúria do pai:

Quando comentei com o pai dela a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Só faltou agredir fisicamente a menina, e acho mesmo que não investi contra ela, porque eu estava por perto. Seni entrou em pânico. Chorava desesperadamente, me agarrava com tamanha força, como se quisesse enfiar o corpo dela dentro do meu. Como se pedisse abrigo no mais profundo de mim (EVARISTO, 2020, p. 29).

É importante salientar que o primeiro contato da criança ao experimentar a dominação imposta por um adulto, vem justamente do espaço domiciliar, assim Saffioti (2004) afirma: “o gênero, a família e o território domiciliar contêm hierarquias, nas quais os homens figuram como dominadores-exploradores e as crianças como os elementos mais dominados-explorados”. Podemos perceber a presença dessa atitude dominadora no pai de Seni. A forma como o homem olhava para filha denunciou que ele era responsável pela maneira como a menina se comportava. Ali não havia amor paterno. Shirley reagiu, ao gritar para que ele a deixasse sozinha com Seni. Nas páginas finais do conto, descobrimos o motivo de Shirley quase matar o homem com quem ela se relacionava. Ele violentava sexualmente, desde novinha, a própria filha, Seni. O mesmo foi descoberto no meio do ato, quando ele invadiu o quarto onde as cinco meninas dormiam.

(...) não reconheceram o pai - só podia ser um estranho - e começaram a chamar por ele e por mim. Nem assim o desgraçado recuou. E avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores impropérios, rasgando suas vestes e expondo à nudez aquele corpo ainda meio menina, violentado diversas vezes por ele, desde quando a mãe dela falecera (EVARISTO, 2020, p. 31 - 32).

Antes, ele retirava a menina do quarto de maneira silenciosa, levava para os fundos da casa e a estuprava. Esta é uma atitude comum nos pais abusadores. Se aproveitam dos momentos de fácil acesso para a prática da violência com a criança. É perceptível que o homem conseguiu abusar de Seni todo esse tempo, sem que deixasse suspeitas, por usar seu poder dominador e fazer com que a criança se sujeitasse a receber toda a violência e permanecer calada. Assim Saffioti explica:

Não se pode negar que o pai instruído procede à iniciação sexual de sua filha de forma delicada, sem violência física ou ameaças neste sentido. Simplesmente, pede à menina para não contar a ninguém, especialmente a sua mãe, “justificando” que esta sentiria ciúme, daí podendo derivar sérios conflitos (SAFFIOTI, 2004, p. 22).

Porém, devido a fúria causada no mesmo dia, após Shirley relatar a conversa que teve com a professora de Seni, o homem não agiu mais de forma silenciosa. Ele a violentou no quarto mesmo, na presença das outras meninas. Seni, por conta do medo e pavor, reuniu coragem para agir contra o agressor e passou a gritar em prantos. As irmãs também reagiram, gritando socorro e chamando pelo pai, que até então, não foi reconhecido pelas meninas. Não demorou muito para Shirley aparecer e assistir de perto a cena brutal. O primeiro impacto que a mulher sentiu foi que precisava salvar a filha daquele homem. Seu lado e força maternal gritou mais alto que os gritos das meninas e num ato desesperado de proteção às filhas, a mulher atingiu o homem com uma barra de ferro.

Naquele instante, a vida para mim perdeu o sentido, ou ganhou mais, nem sei. Eu precisava salvar minha filha que, literalmente, estava sob as garras daquele monstro! Seria matar ou morrer. Morrer eu não poderia, senão ele seria vitorioso e levaria seu intento até ao fim. E a salvação veio. Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só um levantar e abaixar da barra. Quando vi, o animal ruim caiu estatelado no chão (EVARISTO, 2020, p. 32).

A mulher sabia que não podia morrer porque precisava salvar Seni das garras do pai, então ela agiu contra ele com a intenção de matá-lo. A mulher, mesmo não tendo a mesma força física que o homem tem, como afirma Saffioti (2004): “no plano da força física, resguardadas as diferenças individuais, a derrota feminina é previsível, o mesmo se passando no terreno sexual, em estreita vinculação com o poder dos músculos”, ainda assim, a personagem assumiu a responsabilidade de proteger sua filha e atacou o homem com uma barra de ferro usando toda a sua força, com a intenção de matar: “Querida matá-lo, queria acabar com aquele malacafento, mas ele é tão ruim que não morreu!” (EVARISTO, 2020, p 27). Shirley só reparou com mais atenção na cena grotesca, depois de atacar o homem e vê-lo estatelado no chão. A partir disso a dor daquele momento jorrou contra ela:

Depois vieram mais e mais sofrimentos: a imagem de minha menina nua, desamparada, envergonhada diante de mim, das irmãs e dos vizinhos, eu jamais esquecerei. Só quando vi o maldito estendido no chão, foi que corri para proteger Seni, e a sensação que experimentei foi a de que pegava um bebê estrangulado no meu colo. naquele momento de total incompreensão diante da vida, eu não sabia o que dizer para Seni. Somente a embrulhei no lençol e fiquei com ela no colo, chorávamos. Ela, as irmãs e eu (EVARISTO, 2020, p. 33).

Shirley viu Seni nua, desamparada e envergonhada diante dela, das irmãs e dos vizinhos. Um sentimento muito comum nas vítimas de abusos, conforme já vimos no presente estudo. A mãe e as cinco meninas, em um ato de união como de praxe, se juntaram. O choro das seis figuras femininas era de apoio, medo, tristeza, proteção e sororidade.

Infelizmente, os casos de violência doméstica são muito comuns no Brasil, porém, não conseguimos ter noção dos percentuais concretos destes por falta de denúncia de grande parte das vítimas. Seja por medo ou vergonha, existe uma maior parcela de vítimas que optam por não denunciar ou, em alguns casos, chegam a denunciar, mas depois retiram a queixa. No conto, quem sofre a violência física é a filha, Seni, que passou a infância inteira sendo estuprada pelo próprio pai desde a morte de sua mãe biológica e a situação só veio à tona após o flagra de Shirley ao escutar os gritos da menina. Os gritos de Seni foram a sua estratégia de reação contra os abusos que vinha sofrendo e a partir deles, ela conseguiu definitivamente se livrar do homem que a machucou de todas as formas possíveis.

Sabemos que as vítimas de violência sexual carregam feridas que vão muito além de físicas. Mexe totalmente com o emocional, de forma que deixam marcas que traumatizam por muito tempo e que acarretam outros problemas psicológicos. Assim, Saffioti (2004) explica: “As violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente. Certamente, se pode afirmar o mesmo para a moral” (SAFFIOTI, 2004, p. 75). No caso de Seni, as características de introversão e autocensura são consequências desses abusos, além da superproteção que ela tinha em relação às irmãs e Shirley, muito provavelmente por medo do pai fazer com elas o mesmo que fazia consigo.

O estupro é ainda mais doloroso quando é cometido por um parente, principalmente quando este é o pai. É ainda mais grave porque, na maioria dos casos, os abusos ocorrem com maior frequência, pois, o fato do pai estar morando debaixo do mesmo teto que a vítima, fica mais acessível para ele cometer as atrocidades. É dessa forma que acontece com Seni. De acordo com Saffioti:

(...) o abuso sexual, sobretudo incestuoso, deixa feridas na alma, que sangram, no início sem cessar, e, posteriormente, sempre que uma situação ou um fato lembre o abuso sofrido. A magnitude do trauma não guarda proporcionalidade com relação ao abuso sofrido. Feridas do corpo podem ser tratadas com êxito num grande número de casos. Feridas da alma podem, igualmente, ser tratadas. Todavia, as probabilidades de sucesso, em termos de cura, são muito reduzidas e, em grande parte dos casos, não se obtém nenhum êxito. (SAFFIOTI, 2004, p. 19)

Shirley poderia fugir para não ser presa em flagrante, assim foi aconselhada. Porém, o amor pela filha falou mais alto e preferiu ficar com Seni. A mulher jamais deixaria alguma das filhas, independentemente de serem do mesmo sangue ou não. Seni, como consequência da violência sofrida, passou a “reagir sem reação alguma”. Não mais chorava ou falava, só ficou parada, apática.

O homem não morreu, voltou à vida na cadeia. Shirley também passou seu tempo atrás da grade, longe das filhas, para pagar o quase homicídio que ela causou por legítima defesa, por proteger as filhas de um pai monstruoso.

Apesar de todas as coisas horríveis vividas, Shirley e as meninas conseguiram recomeçar. Depois de três anos presa, a mãe ganhou a condicional e voltou para os braços das filhas. Três delas se tornaram mães e quanto a Seni e a mais nova continuaram morando com Shirley. Seni, que sempre teve o instinto de proteger a mãe e as irmãs, passou a proteger mais pessoas ao se tornar pediatra. Esta escolha da profissão é mais uma reação à violência que sofreu:

Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria (EVARISTO, 2020, p. 34).

O que podemos concluir é que mesmo com todo o sofrimento que estas personagens sofreram, principalmente Seni, elas não permitiram que os traumas da violência fossem maiores que a vontade de recomeçar. Elas procuraram superar, cada uma de sua forma. Shirley, foi pelo amor que sentia pelas filhas; Seni se reergueu pela garra em transformar a situação em uma motivação para esquecer as dores e pensar no futuro profissional que a levaria a ser médica; suas irmãs foram pelo amor e proteção recebidos pela mãe e pela Seni, as duas irmãs mais velhas encontrando esses mesmos sentimentos de amor materno ao se tornarem mães também.

É importante destacar que as personagens se reerguem, sobretudo, pela força da união e solidariedade. Shirley Paixão e suas filhas tiveram umas as outras para buscar apoio e, juntas, se libertarem do trauma mais doloroso de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que o racismo está presente nas duas narrativas de Miriam Alves, analisadas no Capítulo 1. Em “Cinco Cartas para Rael”, quando a personagem-narradora expõe o assédio e as atitudes racistas do patrão branco, e a reprodução do racismo, quando Rael não assume seu relacionamento com a fotógrafa publicamente, porém o faz com Marli, mulher branca padrão europeu. Em relação ao conto “Xeque-mate” o racismo é explícito quando, também um homem branco, se sente à vontade em violentar o corpo de Irene. Da mesma forma, conseguimos enxergar a violência simbólica nos dois contos, sobretudo em “Cinco Cartas para Rael”, quando este retrata um relacionamento que a figura masculina exerce o papel de dominador, e a personagem-narradora é dominada. Enquanto em “Xeque Mate” vemos essa violência sendo exposta no momento em que o homem branco abusador usa de sua influência e poder aquisitivo para intimidar as jovens a não o denunciarem, além de usar recursos financeiros para comprar o silêncio destas.

Em ambos os contos, as mulheres reagem às violências sofridas. No caso da protagonista de “Cinco Cartas para Rael”, o ato dela expor seus sentimentos nas cartas e a maneira que ela narra algumas situações do relacionamento que viveu com Rael, mostrando ao leitor todas as angústias e sofrimentos vividos, é uma forma de reação. A personagem usa de sua escrita para, de alguma forma, desabafar sobre as violências sofridas. É através das cartas que ela passa a racionalizar as consequências de ter vivido um relacionamento tóxico, o que o abandono a causou, da mesma forma que, foi através destas mesmas cartas que ela demonstrou seus esforços para sua libertação. Conforme já mencionado na análise presente neste trabalho, a personagem insurge ao se ausentar da vida de seu violentador, assim como o próprio fez de início, além de também, focar em coisas significativas para ela, como a fotografia, que de alguma forma, a supre nos momentos angustiantes. É necessário mencionar a sua maior motivação de se reerguer: seu filho.

Quanto ao conto “Xeque-Mate”, o mais notável ato de reação das personagens é o momento em que Irene tenta a todo custo não deixar que o homem a toque, apesar de sabermos que, biologicamente, o homem tem mais força física que a mulher. Isso não foi impedimento para que a vítima resistisse. Vale ressaltar também que suas amigas, Verônica e Cláudia, reagem ao defender Irene, atacando o abusador com uma garrafa de vidro na cabeça e, conseqüentemente, o tirando de cima da vítima. As jovens em um ato heroico salvam sua amiga.

Diferentemente da protagonista de “Cinco Cartas para Rael”, as personagens de “Xeque-mate” demoram um tempo maior para se libertar da violência sofrida. Foram anos de traumas e pânico surgindo frequentemente na vida das vítimas. O tempo passou, mas o medo permaneceu. Devemos entender que, parte desse medo nas mulheres, já na fase adulta, também cabe ao fato de terem se tornado mães e, com isso, veio o receio de que o que aconteceu com elas possa acontecer com suas filhas. Como vimos na análise, por diversos momentos do conto, estas mulheres ressaltam suas semelhanças às filhas. A libertação das personagens aconteceu no momento em que as três se reencontraram, em uma fase mais madura, quando estas perdoam a si e, de uma vez por todas, juntas resolveram colocar para fora aquilo que as sufocavam. Cada uma do seu modo: Irene chorando, Verônica abraçando e Cláudia com sua risada marcante consegue se libertar e insurgir.

No decorrer do Capítulo 2, percebemos alguns pontos em comum nos contos “Aramides Florença” e “Shirley Paixão”, ambos de Conceição Evaristo. O que mais se destaca é a violência sexual que acontece em ambos. Em “Aramides Florença” o abuso sexual é cometido contra a personagem principal, ainda em seu período de puerpério, pelo próprio marido. Até que esse ato aconteça, os sinais de abuso são apresentados ao decorrer do conto de maneira mais “discreta” quando começa por uma aparição surpresa de uma lâmina de aparelho de barbear na cama de Aramides, além de outras situações suspeitas após este episódio, até chegar ao estupro. Já no conto “Shirley Paixão” a violência sexual é cometida contra a filha da personagem principal, Seni, pelo próprio pai. A menina teve sua infância inteira repleta de abusos que a tornaram uma criança introvertida e cheia de medos e culpa.

No conto, antes mesmo de ser exposto que a criança vinha sendo abusada, a autora já nos deixa pistas que algo estranho acontecia com a criança. A forma como as personagens de ambos os contos reagem à essas agressões convergem cada uma a sua maneira. Aramides, por exemplo, tenta a todo custo se proteger dos ataques do marido durante o ato e, mais que isso, faz o possível para que não atinja seu filho recém-nascido. Já Seni, cansada de tantos abusos, na última tentativa de seu pai a estuprar, a menina grita. Os gritos de Seni a salvara de mais um abuso. É necessário ressaltar que as outras personagens femininas presentes em “Shirley Paixão” também reagem a esses abusos, afinal, todas elas foram violentadas de alguma forma. A reação de Shirley, ao ver a sua filha sendo abusada, foi de tamanha raiva que a motivou para atacar o homem com a intenção de matá-lo, quanto as outras meninas que estavam no quarto enquanto o ato acontecia, assim como Seni, gritaram.

A libertação das personagens vítimas nos contos de Conceição Evaristo surge através do amor. Aramides dedicou-se a viver pelo filho, a quem ama e cuida, da mesma forma como vimos em Shirley Paixão, que além do amor entre a mãe e as filhas, no caso de Seni, ela distribuiu esse amor e cuidado para seus pacientes ao seguir a carreira da medicina. Conceição Evaristo, com a sua escrita potente e poética, retrata em sua ficção, a realidade presente em muitos lares do Brasil e do mundo.

Vale ressaltar que em todos os contos analisados existe algo em comum que ajudou as personagens vítimas a se libertarem das violências sofridas: o amor. Tal sentimento foi responsável pela insurgência dessas mulheres. bell hooks explica em seu artigo Vivendo de Amor (2010):

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (HOOKS, 2010, p. 12).

Portanto, as análises presentes neste estudo refletem sobre as violências praticadas contra as mulheres, sobretudo contra a mulher negra, que como vimos, acontece de forma muito mais brutal pelo fato de o racismo estar impregnado aos atos violentos, seja de maneira física ou simbólica. Também vimos estas mesmas personagens se reerguerem, se libertarem e recomeçarem.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. **Mulher Mat(r)iz**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Nandalaya, 2011. 87 p. v. 5. ISBN 9788561191580.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.
- DUKE, Dawn (Org.). **A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária**. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 3ª. ed. rev. Rio de Janeiro: Malê, 2020. 140 p. ISBN 9788592736064.
- EVARISTO, C. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em 18 nov. 2021.
- FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p.223-244. 1984.
- HOOKE, Bell. **Vivendo de Amor**. Disponível em: <http://www.crsg.periodikos.com.br/article/5e920c920e88255d2430ae99/pdf/crsg-2-1-64.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2021.
- JÚNIOR, Marcelo Felinto de Aragão. **No Cruzamento das Avenidas Identitárias: uma análise interseccional de contos das escritoras Conceição Evaristo e Miriam Alves**. Franciane Conceição da Silva. 2020. 59. Licenciatura plena em Letras – Língua Portuguesa, UFPB, João Pessoa. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17607?locale=pt_BR. Acesso em: 10 out. 2021.
- NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra e o amor**. Jornal Maioria Falante, 17, fev-mar, 1990, p. 3.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p.
- SILVA, Franciane Conceição da. **Corpos dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras**. 2018. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://eds.b.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=1&sid=1e5562ab-9605-41cd-9611-3a322fb68703%40pdc-v-sessmgr02&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc2l0ZT1lZHMtYm91ZGZQ%3d%3d#AN=sib.514867&db=cat06909a>. Acesso em: 06 dez. 2021.
- SOUZA, Cristiana Pereira de. **Gaslighting: “Você está ficando louca?” As Relações Afetivas e a Construção das Relações de Gênero**. Neuza Maria de Fátima Guareschi. 2017.

Psicologia, UFRGS, Porto Alegre. 2017. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/179502/001067114.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 10 out. 2021.